

<https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n09a923.1-5>

Paliativismo em pacientes oncológicos e o impacto da eutanásia na medicina veterinária: Revisão

Niciérgi Pereira Medeiros de Menine^{1*}

¹Professora do curso de medicina veterinária do Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre –RS Brasil. E-mail: niciérgi.menine@uniritter.edu.br

Resumo. O paliativismo tem como objetivo o ato de cuidar, do animal e dos familiares que estão o acompanhando. Esta revisão de literatura aborda o paliativismo em pacientes oncológicos na medicina veterinária, trazendo dados para controle da dor e impactos da eutanásia em familiares e profissionais envolvidos com os pacientes. Resultados mostram que a maioria dos pacientes em cuidados paliativos são os portadores de doenças oncológicas, sendo as principais causas de se realizar eutanásia. Ressalta o sofrimento dos tutores e da equipe de médicos veterinários. Conclui-se que para os cuidados paliativos na medicina veterinária se faz necessário equipe que cuide do paciente, tutores e dos médicos veterinários para enfrentarem as adversidades trazidas pela profissão.

Palavras-chave: Dor, eutanásia, multidisciplinaridade

Palliative care in cancer patients and the impact of euthanasia in veterinary medicine: Review

Abstract. Palliative care aims at the act of caring, making animals and the family members who are accompanying them. This literature review addresses palliative care in cancer patients in veterinary medicine, bringing data for pain control and euthanasia impacts on family members and professionals involved with patients. The results show that the majority of patients in palliative care are carriers of oncological diseases, being the main causes of euthanasia. It emphasizes the suffering of tutors and the team of veterinarians. It is concluded that for palliative care in veterinary medicine, it is necessary to have a team that takes care of the patient, tutors and veterinarians to face the adversities brought by the profession.

Keywords: Pain, euthanasia, multidisciplinarity

Introdução

Com base em levantamentos realizados por Macêdo (2015), o surgimento do paliativismo no Brasil gera dúvidas quanto local exato e seu contexto. Os cuidados paliativos estão focados na prevenção e alívio do sofrimento, através da detecção precoce, avaliação e tratamento corretos da dor e de outros problemas (OMS, 2002). Conforme a descrito por Garcia et al. (2016) e Hermes & Lamarca (2013), os cuidados paliativos são focados em princípios, demovendo conceitos, outrora muito utilizados, como terminalidade e impossibilidade de cura. Na sua origem, eram direcionados aos pacientes com câncer, e só depois agregado a outras comorbidades (Hermes & Lamarca, 2013). Para Carneiro et al. (2010), a oncologia veterinária tem grande importância devido alta incidência de animais acometidos por lesões neoplásicas. Há muita semelhança entre a oncologia veterinária e a humana (Barboza et al., 2019).

Conforme Giumelli & Santos (2016) a convivência entre humanos e animais tem aumentado muito nos últimos anos, fazendo com que os mesmos sejam como membros da família. Estes mesmos autores referem que, os tutores exigem cada vez mais que os seus animais tenham o atendimento semelhante

aos empregados na medicina humana. Devido à grande ocorrência de neoplasias em pequenos animais, o médico veterinário deve possuir habilidade e conhecimento nesta especialidade ([Rodrigues et al., 2017](#)).

Esta revisão objetiva apresentar discorrer sobre o emprego dos cuidados paliativos no paciente oncológico, ressaltando aspectos de avaliação da dor e sinais que o animal apresenta para facilitar sua identificação. Abordará a forma como é possível realizar o controle da dor para proporcionar melhoria na qualidade de vida do paciente. O impacto psicológico gerado, tanto do diagnóstico de uma doença severa sem cura, como o impacto gerado pela decisão do procedimento de eutanásia, será discutido, enfatizando as implicações que o ato gera nos médicos veterinários que convivem diretamente com o paciente.

Dor no paciente oncológico

Em um estudo retrospectivo realizado por Batista et al. ([2016](#)) constataram que as neoplasias são a quarta causa de óbito em cães e a terceira causa de óbito na espécie felina. O paciente veterinário com câncer deve receber atenção adequada e minuciosa quanto ao controle da dor, sendo que a mesma, pode ser em decorrência do próprio tumor ou secundária ([Antunes et al., 2008](#)).

Além de objetivar prolongar a vida do paciente oncológico, os cuidados também visam manter uma boa qualidade de vida ([Morris & Dobson, 2007](#)). Conforme Berno & Mendes ([2015](#)), como os animais não conseguem verbalizar e a dor oncológica ocorre na maioria dos pacientes com neoplasias, se faz necessário rigorosa anamnese e exame clínico.

Para Tomaz et al. ([2016](#)) 75% dos pacientes com câncer em estágio avançado apresentam dor e para Daleck et al. ([2016](#)), quando a dor não é tratada, causa alterações em diversos sistemas. Determinar a dor dos animais de companhia ainda é um desafio na medicina veterinária ([Daleck et al., 2016](#)).

Os pacientes não verbalizam, como supracitado, sendo assim, conforme Guideline World Small Animal Veterinary Association para dor ([Mathews et al., 2014](#)) deve-se utilizar sinais comportamentais para avaliação da dor nos pacientes e segundo o mesmo, caso a dor oncológica não possa ser controlada, aliviada e prognóstico limitado, deve-se recomendar a eutanásia. O uso de escalas, descritivas simples ou visuais analógicas, na tentativa de mensurar a dor, juntamente com aplicação de questionários aos tutores, sobre qualidade de vida, são ferramentas úteis para avaliação do paciente veterinário oncológico conforme Tomaz et al. ([2016](#)).

Os sinais de dor incluem alterações comportamentais e no temperamento que devem ser avaliadas cuidadosamente, assim como diminuição de mobilidade, letargia, em gatos também pode-se notar alterações nos saltos ou na utilização da caixa de areia segundo Guideline de dor da WSAVA ([Mathews et al., 2014](#)). A dor oncológica pode ter dividida em grupos, as decorrentes do próprio tumor, as associadas ao tratamento e aquelas associadas a comorbidades ([Daleck et al., 2016](#)). Para estes mesmos autores, o tratamento deve ser direcionado ao indivíduo e com objetivo de restaurar qualidade de vida. A medicina veterinária conta com uma ampla variedade de fármacos para combater ou prevenir a dor em cães e gatos, desde medicamentos anti-inflamatórios não esteroidais a opioides ([Aleixo et al., 2017](#)). Existem diversas modalidades de tratamento com uso de fármacos para controle da dor no paciente oncológico, mesmo que de forma paliativa, e entre elas, encontram-se a radioterapia, bloqueios anestésicos e quimioterapia ([Antunes et al., 2008](#)).

Impacto da eutanásia nos tutores

Em estudo realizado por Ferreira ([2017](#)), os sentimentos relatados por tutores no momento do diagnóstico do paciente veterinário com câncer foram, primeiramente a esperança, seguido por tristeza e medo. Este mesmo estudo mostrou que o medo estava ligado à possibilidade do animal vir a sofrer com o tratamento escolhido ou o medo da perda do seu pet.

Quando os cuidados paliativos no paciente oncológico não surtem mais efeito, a eutanásia deve ser considerada conforme WSAVA ([Mathews et al., 2014](#)). As neoplasias se encontram como uma das principais causas de eutanásia ([Souza et al., 2019](#)). Segundo o Conselho Federal de Medicina Veterinária ([2012](#)) a eutanásia é indicada quando afeta o bem-estar animal de forma irreversível, conferindo alívio para dor não mais responsiva aos analgésicos ou outros tipos de tratamento. Concordante com o Conselho Nacional de Controle a Experimentação Animal ([2015](#)) a eutanásia não se limita apenas ao

momento da morte, mas a todo processo que ela envolve, e segundo os mesmos, o ambiente deve estar todo preparado para minimizar o estresse do animal, sofrimento e medo.

Os tutores desejam permanecer ao lado de seus animais de estimação durante o procedimento de eutanásia e diversos tutores encontram dificuldades em manifestar seu luto, não sendo este respeitado, muitas vezes, nem por seus familiares próximos (Daleck et al., 2016). Em pesquisa realizada por Vieira (2019), os tutores formam vínculos afetivos muito fortes com seus animais de estimação e para os tutores, os animais são membros da família, então quando passam pelo momento da perda deste animal, o luto é semelhante ao experimentado pela perda de um ser humano. Esta mesma pesquisa mostrou que, para estes tutores que foram entrevistados, existe uma dificuldade em manifestar seus sentimentos, porque a dor pela perda do animal não é reconhecida, fato que pode gerar grande impacto psicológico com sofrimento profundo.

Um espaço onde o enlutado possa demonstrar sua dor e receber apoio espiritual, palavras de encorajamento é de grande valia no decorrer deste processo (Almeida, 2015). Para Genezini (2009) a morte é encarada com muita dificuldade na cultura ocidental e os cuidados paliativos validam todo o processo desde o acolhimento do paciente e família até o momento do morrer e o luto. Segundo Ramos (2016), o luto é diferente para cada indivíduo, podendo o mesmo em poucas horas passar pela fase do choque ou até levar dias.

Impacto da eutanásia nos médicos veterinários

Em levantamento realizado por Manzano et al. (2007) onde após uma visita técnica ao zoológico, acompanharam o procedimento de eutanásia em um animal residente do local, na sequência foram aplicados questionários na tentativa de identificar qual a visão dos estudantes de medicina veterinária perante este procedimento. O resultado obtido por estes pesquisadores foi que os estudantes são favoráveis ao procedimento quando este confere alívio ao sofrimento do animal. Já na prática do médico veterinário, diversas tensões são criadas devido a rotina extremamente desgastantes (Daleck et al., 2016). Estes mesmos autor referem que acompanhamento por psicólogos pode auxiliar os profissionais.

A taxa de suicídio pela classe de médicos veterinários vem crescendo. Em estudo realizado por Tomasi et al. (2019) mostrou que a classe está mais propensa ao ato do que a população em geral. Para Tran et al. (2014), a realização de procedimentos de eutanásia leva o profissional ao sofrimento psicológico, ressaltando que a relação entre a eutanásia nos pacientes e o risco de suicídio na classe é algo muito complexo e merece atenção.

A fadiga por compaixão segundo Lago (2008) é aquela em que acontece um desgaste tanto físico como emocional daquele profissional que está em contato direto do paciente em sofrimento, desta forma conforme este autor, o profissional pode acabar sentindo sofrimento semelhante ao de seu paciente, pelo simples fato de se importar com o mesmo. Em entrevista concedida a Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, o médico veterinário intensivista Rabelo (2019), refere que os distúrbios psicológicos no profissional da veterinária podem acontecer pela idealização da profissão, faltando a preparação para realidade, como a de saber lidar com o luto. Para Pulz et al. (2011) a abordagem perante o impacto do procedimento de eutanásia no profissional deve ser por equipe multidisciplinar, e ainda refere que mais estudos devem ser conduzidos com intuito de identificar e prevenir os distúrbios psicológicos que a prática acarreta. Conforme levantamento bibliográfico realizado por Palmeira et al. (2011), na medicina humana, esta multidisciplinaridade está sempre permeando a rotina dos profissionais e pacientes envolvidos nos cuidados paliativos. Conforme Silva & Medeiros (2014) o tema morte, apesar de ser uma frequente na rotina das clínicas veterinárias, ainda é pouquíssimo falado durante o curso de graduação e ressaltam que o luto sempre irá ser confuso na mente humana.

Considerações finais

A medicina veterinária está em constante evolução. A especialidade na área de paliativismo tem se tornado fundamental uma vez que os animais estão atingindo maior longevidade, acarretando a maior incidência de doenças que necessitam deste tipo de cuidados. Os tutores, por sua vez, buscam profissionais capacitados que possam tratar seus animais de estimação da mesma forma que são tratados pelos seus médicos.

Os cuidados paliativos na medicina veterinária também exigem uma equipe multidisciplinar, com profissionais focando no controle da dor e sinais adversos, mantendo a qualidade de vida do paciente e, ao mesmo tempo, esses profissionais devem levar em consideração os sentimentos de toda a família do animal, respeitando a tristeza trazida pela doença. O médico veterinário precisa saber ouvir as incertezas dos tutores ao decorrer da doença e sanar as dúvidas da melhor forma possível, assim como respeitar o luto quando ocorre o falecimento. Reconhecer o momento de encaminhar a família para o profissional da psicologia com objetivo de auxiliar no processo do luto é de suma importância. Lembrando que os próprios médicos veterinários devem receber apoio psicológico para enfrentarem as adversidades da profissão.

Referências bibliográficas

- Aleixo, G. A. S., Tudury, E. A., Coelho, M. C. O. C., Andrade, L. S. S., & Bessa, A. L. N. G. (2017). Tratamento da dor em pequenos animais: classificação, indicações e vias de administração dos analgésicos (revisão de literatura: parte II). *Medicina Veterinária*, 11(1), 29–40.
- Almeida, T. C. S. (2015). Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto. *Sacrilogens*, 12(1), 72–91.
- Antunes, M. I. P. P., Moreno, K., & Grumadas, C. E. S. (2008). Avaliação e manejo da dor em cães e gatos com câncer-revisão. *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zootecia Da UNIPAR*, 11(2), 113–119.
- Barboza, D. V., Grala, C. X., Silva, E. C., Salame, J. P., Bernardi, A., Silva, C. B., & Guim, T. N. (2019). Estudo retrospectivo de neoplasmas em animais de companhia atendidos no hospital de clínicas veterinárias da universidade federal de Pelotas durante 2013 a 2017. *PUBVET*, 13, 152. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v13n4a312.1-12>.
- Batista, E. K. F., Pires, L. V., Miranda, D. F. H., Albuquerque, W. R., Carvalho, A. R. M., Santos Silva, L., & Silva, S. M. M. S. (2016). Estudo retrospectivo de diagnósticos post-mortem de cães e gatos necropsiados no Setor de Patologia Animal da Universidade Federal do Piauí, Brasil de 2009 a 2014. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 53(1), 88–96. <https://doi.org/10.11606/issn.1678-4456.v53i1p88-96>.
- Berno, M. D. B., & Mendes, A. R. (2015). Dor oncológica em pequenos animais revisão de literatura. *Revista Científica de Medicina Veterinária*, 24, 1–15.
- Carneiro, A. T., Garcia, D. D. R. M., Mitie, F., & Bergamo, M. (2010). Estudo epidemiológico dos casos de neoplasias de cães e gatos atendidos no hospital veterinário. *Anuário de Iniciação Científica Discente*, 13(21), 21–27.
- Conselho federal de medicina veterinária. *Guia Brasileiro de boas práticas para a eutanásia em animais- Conceitos e procedimentos recomendados 2012*. Brasília, Brasil. Disponível em <<http://portal.cfmv.gov.br/>> Acesso em 01 agosto. 2020.
- Conselho nacional de controle a experimentação Animal (2015). Diretriz da prática de eutanásia do CONCEA. Disponível em: <<https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/publicacao/publicacoes.html>>. Acesso em: 02 setembro. 2020.
- Daleck, C. R., Fonseca, C. S., & Canola, J. C. (2016). *Oncologia em cães e gatos*. Roca.
- Ferreira, M. G. P. A. (2017). *Abordagem do cão e gato com câncer: Qual a visão do seu tutor?* 112f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias- UNESP- Jaboticabal, 2017.
- Garcia, A. L., Mesquita, J., & Nóbrega, C. (2016). Cuidados paliativos em oncologia veterinária. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, 14(37), 1–4.
- Genezini, D. (2009). Assistência ao luto. In *Manual de cuidados paliativos*. Academia Nacional de Cuidados Paliativos.
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista Da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(1), 49–58.
- Hermes, H. R., & Lamarca, I. C. A. (2013). Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 2577–2588. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900012>.
- Lago, K. C. *Fadiga por paixão: Quando ajudar dói*. 2008.210 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade de Brasília. Brasília- DF. 2008.

- Macêdo, J.A.L.J. *Cuidados paliativos no Brasil-Revisão sistemática*. 2015. 46 f. Monografia (Graduação em Medicina). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2015.
- Manzano, M. A., Pachaly, J. R., Majczak, K. H., Silva, A. V., & Ciffoni, E. M. G. (2007). A eutanásia animal na visão de estudantes de Medicina Veterinária e Ciências Biológicas. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*, 14(3), 155–158. <https://doi.org/10.4322/rbcv.2014.253>.
- Mathews, K., Kronen, P. W., Lascelles, D., Nolan, A., Robertson, S., Steagall, P. V. M., Wright, B., & Yamashita, K. (2014). Guidelines for recognition, assessment and treatment of pain: WSAVA Global Pain Council members and co-authors of this document. *Journal of Small Animal Practice*, 55(6), E10–E68.
- Ministério da ciência, tecnologia e inovação conselho nacional de controle de experimentação animal – CONCEA. *Diretriz da prática de eutanásia do CONCEA 2015*. Brasília – DF. Disponível em <https://ceua.ufop.br/sites/default/files/ceua/files/resolucao-normativa-n-37-diretriz-da-pratica-de-eutanasia_site-concea.pdf?m=1534249510> Acesso em 15 maio 2020.
- Morris, J., & Dobson, J. (2007). Trato urinário. In J. Morris & J. Dobson (Eds.), *Oncologia em pequenos animais* (pp. 155–165). Roca, Brasil.
- OMS - Organização Mundial da Saúde (2002). Programas nacionais de controle do câncer: políticas e diretrizes gerenciais, 2ª ed. *Organização Mundial da Saúde*. 2 ed. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/42494>> Acesso em 01 agosto. 2020.)
- Palmeira, H. M., Scorsolini-Comin, F., & Peres, R. S. (2011). Cuidados paliativos no Brasil: revisão integrativa da literatura científica. *Aletheia*, 35–36, 179–189.
- Pulz, R. S., Kosachenco, B., Bagathini, S., Silveira, R. S., Menegotto, G. N., & Cristina Schneider, B. C. (2011). A eutanásia no exercício da medicina veterinária: aspectos psicológicos. *Revista Veterinária Em Foco*, 9(1), 88–94.
- Rabelo, R. (2019). Estuda depressão, síndrome de Burnout e fadiga por paixão. *Revista Conselho Federal de Medicina Veterinária*, 80, 5–7.
- Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *Psicologia-Portal Do Psicólogo*, 1–16.
- Rodrigues, N. M., Dantas, S. S. B., Quessada, A. M., & Rodrigues, D. S. A. (2017). Carcinoma de células basais em cadela: Relato de caso. *PUBVET*, 11(8), 744–839. <https://doi.org/10.22256/pubvet.v11n8.771-774>.
- Silva, N. R., & Medeiros, M. (2014). Amor e perda: a importância de acompanhar proprietários de animais terminais. *Revista Científica de Medicina Veterinária Do UNICEPLAC*, 1(1), 19–30.
- Souza, M. V., Pandolfi, I. A., Santos, R. M., & Junior, D. P. (2019). Levantamento de dados e causas de eutanásia em cães e gatos: avaliação ética-moral. *PUBVET*, 13(11), 1–13. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v13n11a451.1-13>.
- The world small animal veterinary association. *Directivas para o reconhecimento, avaliação e tratamento da dor*. Ontário, Canadá. Disponível em <www.wsava.org> Acesso em 28 julho. 2020.
- Tomasi, S. E., Fechter-Leggett, E. D., Edwards, N. T., Reddish, A. D., Crosby, A. E., & Nett, R. J. (2019). Suicide among veterinarians in the United States from 1979 through 2015. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 254(1), 104–112. <https://doi.org/10.2460/javma.254.1.104>.
- Tomaz, D. F., Tomacheuski, R. M., & Taffarel, M. O. (2016). Reconhecimento e avaliação da dor em pacientes oncológicos–Revisão de literatura. *Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública*, 3(2), 117–124. <https://doi.org/10.4025/revcivet.v3i2.34113>.
- Tran, L., Crane, M. F., & Phillips, J. K. (2014). The distinct role of performing euthanasia on depression and suicide in veterinarians. *Journal of Occupational Health Psychology*, 19(2), 123–128. <https://doi.org/10.1037/a0035837>.
- Vieira, M. N. F. (2019). Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. *Psicologia Em Revista*, 25(1), 239–257. <https://doi.org/10.5752/p.1678-9563.2019v25n1p239-257>.

Histórico do artigo:
Recebido: 1 de abril de 2021
Aprovado: 3 de maio de 2021

Licenciamento: Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.